

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA

GUIOMAR TORREZÃO

1.^a SERIE

LISBOA, 8 DE MAIO DE 1881

NUMERO 23

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

CHRONICA ALEGRE

Ceas, que esterilidade de semana!

Por mais que eu procure, sinceramente disposta a achar qualquer facto que se depare á minha investigação palpitante de novidade e de frescura, embora esse facto seja o mais velho e o menos verde de todos os factos, eu não encontro senão as mesmas ruas symetricas do ouro, da prata e dos fanqueiros por onde Lisboa passeia o seu *ennui*, os mesmos passeios retalhados de alegretes anemicos e orlados de arvores nostalgicas, onde ella engole a dose de poeira inseparavel da larynge do indigena que se deleita á sombra das pimenteiras do Passeio publico, contemplando melancolicamente os lagos estagnados, cravejados pelas folhas largas e indolentes dos nenuphars que ensaiam timidamente uma tentativa de flor, e cortados em ondulações ellipticas pelos cysnes brancos e dormentes; os mesmos theatros desertos, onde os camarotes começam a ter o aspecto desconsolador de epitaphios de ausentes, á medida que o reportorio apresenta a fixidez implacavel de uma luz que no acto de apagar-se duplica de intensidade, despedindo faiscas scintillantes e ephemerias; as mesmas phrases estafadas e os mesmos *cancans* insipientes!

Oh! como é doce habitar uma cidade tranquilla e desambiciosa, que leva o excesso do repouso e o ideal da pacificação militar e civil a ponto não só de não encher a parte de policia como de nem sequer preencher as columnas da chronica!...

É verdade que a França, o foco de todas as civilizações adiantadas, o cadinho onde fervem em ebulição todas as ideas novas, parece não estar á hora em que escrevemos em condições mais vantajosas.

E ainda bem que assim é,—permitta-se-me a declaração egoista,—para que eu evite, pelo menos d'esta vez, o chavão banal de repetir as mesmas jeremiadas, usadas em casos identicos por todos os chronistas sem assumpto, a proposito da inercia nacional, da indolencia indigena e da ausencia de perspectivas e de cambiantes que se nota na vida portugueza.

Os localistas francezes, não achando na presente conjunctura nenhum alimento sufficientemente nutritivo para engordar a sua *reportage*, acabam de fazer um achado verdadeiramente luminoso que eu oso saudar do fundo obscuro do meu semanario, permitindo-me tambem a liberdade de aproveitá-lo para os devidos effeitos.

Elles descobriram, com um jubilo inarravel em relação a uma chronica sem assumpto, que o bey de Tunis tem nas veias sangue corso!

O resultado das suas investigações, as quaes é de suppor que não produzam o mesmo effeito no Chiado que produziram nos boulevards, demonstram que a dynastia tunesina, reinante ha cerca de dois seculos, é originaria da mesma ilha que forneceu a raça dos Napoleões.

O facto explica-se da seguinte maneira:

No ultimo periodo do seculo XVII, um corso renegado que no acto de abraçar a religião de Mahomet tomara o nome de Ali, foi estabelecer-se em Tunis, conquistando rapidamente as boas graças do bey. Parece que Tunis gemia então sob o jugo oppressivo dos pretores, que á imitação dos janizaros turcos e dos mamelucos egypcios organisaram um estado no estado, tyrannisando os desgraçados beys, tolhendo-lhes a iniciativa e ameaçando substituí-los pelo primeiro adventicio á menor tentativa de resistencia.

O filho de Ali, Hassan-Ibn-Ali, lisongeando primeiro os instinctos grosseiros dos soldados e subjugando-os em seguida, alcançou em

1705 que o proclamassem bey de Tunis. O ramo reinante, a despeito da opposição dos janizaros, creou raizes e subsiste ainda hoje robusto e frondoso.

Amenisemos agora a chronica que vae perdendo gradualmente os seus bons sorrisos escarlates e lustrosos como cerejas,—os quaes os leitores colhiam e saboreavam ao *dessert*, regando-os de pequeninos goles de moka e perfumando-os com o aroma dos charutos caros—á medida que o calor vae, gradualmente tambem, mergulhando o meu pobre espirito n'um banho quente e asphixiante de samsaboria incolor, e chamemos a atenção das senhoras portuguezas para uma innovação deliciosa, destinada a produzir uma revolução... entre os pratos da sobremesa.

Refiro-me aos pomares domiciliados, que a arboricultura acaba de inventar para regalo dos nossos olhos e satisfação dos nossos estomagos.

O pomar-caseiro está provavelmente destinado a substituir no futuro o arbusto exotico que enflora os gabinetes contemporaneos.

A sciencia horticola propõe-se alcançar, mediante os mais simples e faceis processos, que os pecegueiros, os damasqueiros e as cerejeiras que até hoje produziam ao ar livre, condescendam igualmente em dar á luz os seus appetitosos fructos succulentos e velludos no ambiente tepido dos nossos quartos. Para isso basta plantar em um vaso qualquer, de maior ou menor dimensão, uma arvore infantil, desafogando-a previamente das raizes. Os filamentos d'essas raizes bastam para alimentar a arvore que poderá attingir a altura de 50 a 100 centimetros. A incisão das raizes accelera, fructifica e desenvolve a fertilidade e precocidade da arvore.

O primeiro jardineiro da rainha Victoria acaba de obter seis cachos de uvas produzidos em um vaso, no espaço de dezoito mezes.

Este genero de cultura, transmittido pela China, está fazendo furor em Inglaterra.

Milady crava os seus dentinhos nos pecegos e damascos nascidos nos seus *boudoirs*. Mylord louva-se no bom gosto de milady.

Vasos de barro tosco, contendo arvores microscopicas, picadas de cerejas e ginjas ou vergando ao peso dos pecegos maduros e loiros, substituirão nas mesas a vulgaridade dos pratos e a symetria reles das *corbeilles*.

O progresso evidentemente caminha e permite até a liberdade de se escrever um artigo que pode ser tudo o que o leitor queira chamar-lhe, excepto o que o titulo lhe exigia que fosse!

G. T.

SANTAREM

Em caminho de ferro — Santarem antiga e moderna — A Porta do Sol — O jardim delineado — S. João de Alporão — O muzeu districtal — O collegio dos jesuitas e as preciosidades da sua igreja.

Cá me leva o comboyo do caminho de ferro! São 8 horas da noute. Um calor na atmosphaera, morno, abafador. Dentro da carruagem de 1.^a classe, ao meu lado, dous italianos viajantes. Fallam de quadros, de archeologia, de architectura, de viagens. Um terá, quando muito, vinte annos, o outro passa dos quarenta.

Interrogam-me ambos a respeito da Alcaçova de Sevilha, da mesquita de Cordova, da Alhambra,—d'estas duas joias preciosas da grande arte dos Califas, que vão admirar pela primeira vez.

Diante de mim, um intelligente delegado do ministerio publico, muito apaixonado dos problemas sociologicos, familiar com Augusto Comte e com Herbert Spencer. Physionomia juvenil, accorde com a mocidade das ideias que o dominam. Ha physionomias carrancudas de magistrados que equivalem a um codigo penal. A do joven delegado, com quem vamos conversando, é desanuviada, aberta, expansiva. Uma flor desabrochada de fresco nos jardins de Themis, como diria, sorvendo regaladamente uma pitada, um devoto de allusões classicas.

A luz do candieiro de vidro concavo, embutido no tecto de mogno polido, reflecte-se nos vidros da carruagem e põe tons lustrosos na madeira envernizada que se estende sobranceira aos recostos acolchoados dos assentos. Os chapéus de coco já desappareceram e foram trocados pelos gorros e bonets de seda, que se aconchegam melhor ás orelhas e se adaptam — pela sua flexibilidade — á posição horizontal de quem procura propiciar o somno. A conversa vaee esmorecendo e assumindo a meia luz somnolenta do candieiro. Coados pela claridade fôsea de uma noute estrellada, sem lua, a resaltar do azul desmaiado do ceu a cravação rutilante das estrellas em arabescos caprichosos como os d'aquellas pregarias douradas, de que se recamam os buffetes no estylo da Renascença e as velhas cadeiras de Moscovia, esboçam-se indecisos os relevos do terreno. As arvores que orlam as estradas, mercê da miragem causada pela celeridade do trem, parecem ás vezes afastar-se e fugir recuando convulsas, sacudidas por estremeções epilepticos. No segundo plano, a escuridão alastra-se de uma e outra banda do caminho como se estivessemos erusando um oceano de tinta negra. A's vezes o caminho parece rasgar-se entre massas de ébano.

Entretanto resoa-nos nos ouvidos um som ululante, que se parece com o do mar ao longe a arrebentar nas rochas. A espaços, as vibrações agudas e insistentes do silvo da locomotiva dominam todos os rumores e ensurdecem-nos. Naquelle orgia de velocidade, a que parece entregar-se a locomotiva com a allucinação das vertigens, o apito do machinista é como que um brado tranquillizador a certificar-nos, que aquella machina é governada, que aquelle cavallo de fogo, a despeito do seu galopar phantastico, obedece a musculaturas de aço, que o refream e o domam.

Eis-nos chegados á estação de Santarem, estação cheia de movimento, a qual pela viveza do trafico commercial, que por alli circula, e pela affluencia sempre crescente de viandantes se encarrega de demonstrar quanto ás vezes são falliveis os prognosticos dos espiritos mais atilados. Passos Manoel, o talento de eleição, a que tantas vezes temos rendido as nossas homenagens, não acreditava no futuro economico do caminho de ferro que houvesse de correr paralelo com as margens do Tejo, nivelado com a raiz do monte em que se encastella, cingida, em parte, de bastiões e de muralhas desmanteladas, a guerreira Santarem. Passos Manoel, se vivesse,

com o jubilo da sua alma nobilissima de patriota e de filho adoptiv^o d'essa terra, que elle estremecia, seria o primeiro a applaudir-se de se haver enganado nos seus vaticinios.

D'antes, com o aspecto das suas muralhas meio derruidas, com as suas velhas ruas estreitas, e as suas encrusilhadas de travessas similhantes a corredores apertados, cobertos de sombra, com as ruinas dos seus monumentos, alguns dos quaes são preciosidades archeologicas — Santarem offerecia um aspecto desolado, em que por entre destroços affloravam aqui e alem as grandezas architectonicas do passado. Hoje Santarem transformou-se e graças a esta transformação coexistem a par as paginas brincadas d'aquelle admiravel livro de pedra, (na phrase do inimitavel prosador da nossa litteratura moderna, do immortal Almeida Garrett), rico de illuminuras, de recortados, de florões, de imagens de arabescos e arrendados primorosos, livro o mais bello e precioso de Portugal, coexistem, diziamos, as paginas brincadas d'esse livro admiravel de pedra com os labores agradaveis e uteis do conforto e da elegancia moderna. E diga-se com verdade: mesmo estheticamente fallando, a encadernação moderna não prejudica o velho livro; pelo contrario dá-lhe realce com os seus esmaltes e os seus broches brunidos e reluzentes, assimilhando a um album sumptuoso, em que se entrelaçam os primores das escolhas mais oppostas em architectura, e contrastam em antitheses inesperadas as notas, os tons e os cambiantes de uma indefinida gradação pinturesca de cores e de matizes.

A «Porta do Sol», d'onde se descortina um dos mais bellos e desaffogados horisontes, lá está ainda como eu a vira, quando aos 16 annos de idade, arrastado na onda da revolução, fôra dar commigo em Santarem, sendo recebido com carinho extremo por Passos Manoel n'essa hospitaleira casa da Alcaçova, cujos muros acabo agora mesmo de contemplar surgindo-me n'uma appareição simultanea as reminiscencias do venerando cidadão, que acolhia a todos, franco, affectuoso, prasenteiro, como inconsciente da sua immensa superioridade e as visões da minha mocidade extincta. Perto, porem, d'essa encantadora «Porta do Sol», que mostra ao viajante surprehendido os pingues nateiros do Tejo — esses campos tão deploravelmente alagados este anno por cheias e inundações repetidas — os tons verde-negros de oliveas que não acabam, os meandros prateados da agua do rio, que se infiltra pelos mouxões e pelas insuas, os renques dos salgueiros que bordam a margem, e lá ao longe ora os vagos contornos dos montes, ora as planuras rasas da charneca, para quem, mais perto — mas ainda a distancia consideravel — a cõr atijolada dos telhados das abegoarias, dos casaes, os recortes verdes dos talhões de horta, as copas das arvores alinhadas, as espiraes azuladas do fumo das lareiras aldeãs, as grandes manchas verdes das pastagens, n'esse sitio verdadeiramente tentador, está-se esboçando um jardim de feitio e de aspecto modernos, destinado a ser o amplo e elegante miradouro de scena tão pinturesca.

FOLHETIM

ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA CARTA

AO DUQUE D'AUTREMONT

NO CASTELLO D'AUTREMONT

Leão, 18...

Ex.^{mo} Sr. Duque

Parti de Pariz, tencionando chegar a casa de v. ex.^a depois de amanhã. Contava deter-me no caminho para me despedir de minha mãe, com quem ficaria por um dia. Estava ella doente e não quiz deixal-a antes de a ver restabelecida. Estou bem informado acerca do caracter de v. ex.^a e por isso espero ser desculpado.

Compenetre-se, sr. duque, de toda a dedicação que lhe consagra

Justo Odoard.

TERCEIRA CARTA

AO SR. JUSTO ODOARD, EM LEÃO

Autremont, 18...

Não tenho de que desculpá-lo, meu caro sr., mas só de que louval-o. Sei quanto é dedicado para sua mãe adoptiva, e muito me penalisaria que se separassem antes de o saber tranquillizado pela saude d'ella.

Creia, meu caro sr., nos dedicados sentimentos de

Flamiano d'Autremont.

QUARTA CARTA

FLAMIANO D'AUTREMONT A MELCHIOR DE SAINTE FAUST

Muito agradecido lhe fiquei, meu amigo, e estou certo que a sua escolha foi acertada. Ainda não recebi o seu emissário. Preveni-me elle em uma carta, que teve que deter-se em Leão junto de sua mãe. As obras da minha casa podem esperar mais alguns dias, e por isso não me impacienti com a demora. O que lhe peço é que não creia que e um novo casamento que me faz tractar de melhoramentos ca-

Santarem prepara-se para afestoar de rosas a sua varanda pre-dilecta, d'onde costuma debruçar-se sobre o Tejo, enlevada na contemplação d'aquelle painel formosissimo, em que o nosso ceu e a vegetação meridional espelharam prodigamente o colorido opulento dos grandes pintores da eschola veneziana, dos Tintoretos e dos Paulos Veronezos.

È n'esses terrenos, que vão ser ajardinados, que se ergue um monumento moderno, que se não exprime a elegancia das edificações do nosso tempo, revela o apuro dos nossos costumes. Fallo do deposito das aguas potaveis que são elevadas do nivel do Tejo até ás eminencias do monte por machinas apropriadas.

N'um recinto, extremamente limitado, como é a corôa de rochas em que assenta a cidade, a cada passo se topam preciosidades artisticas, entre as quaes S. João de Alporão, um bello monumento do seculo XII, com as suas arcarias, columnatas, botarêus e entablamentos característicos, sobreleva não só pela originalidade, mas pelo excellente estado de conservação em que se encontra.

Alguns cavalheiros esclarecidos tiveram uma inspiração excelente, que já se traduziu em obras: aproveitaram aquella bella reliquia de architectura dos tempos remotos para a converterem em repositório do que haja mais notavel no districto sob os aspectos da natureza, da geologia, da historia, da produção e do labor humano, da agricultura, da industria e do commercio de uma zona tão ricamente dotada como é aquella, de que Santarem é o principal nucleo administrativo e social. E', pois, debaixo d'aquellas naves, sobre que pesam os seculos, que está abrigado o muzeu districtal, onde, a despeito de ser uma criação recente, abundam curiosidades dignas de attenção e apreço para os estudiosos.

Outra criação moderna, inaugurada debaixo do influxo das festas do centenario de Camões, é a bibliotheca municipal. E' um edificio ao rez-do-chão, defendido da rua por uma gradaria de ferro, edificio mais vasto e airoso do que o typo das escholas do conde de Ferreira, onde aos lados da sala principal, em cujas estantes de mogno polido se encontram a par de livros antigos bastantes livros modernos de sciencias naturaes e de historia, correm outras salas, todas bem ventiladas e com grande altura de tectos, onde os estudantes do lyceu podem, ás tardes, e em dias de feriado, consultar as obras de que careçam para os seus estudos.

O collegio, onde está o seminario, e em cujo claustro as aulas ecclesiasticas d'aquelle instituto funcionam paredes meias, pôde dizer-se, com os do lyceu nacional, na amplidão da sua immensa frontaria traz estampada aquella fria e pesada grandeza, que é a nota característica e uniforme das casas de educação, levantadas pela poderosa e absorvente congregação dos jesuitas. Visto miudamente por dentro, percorrido em toda a sua extensão como nós o percorremos, acompanhados pelo sr. vice-reitor, que nos dispensou as mais cortezes e finas attenções, é que se faz ideia exacta do arroj-

seiros. Não tome tanto a peito demonstrar-me os enfados e perigos do isolamento. Conheço tudo isso melhor que o meu amigo. Não me diz coisa alguma que eu não preveja, graças ás convicções que a experiencia me tem ministrado.

Ha factos mais eloquentes ainda do que a dôr intima que a ninguém carece revelar-se e que por isso mesmo a ninguém interessa. Um casamento desigual é um soffrimento duplicado. E que alliança poderá convir a um homem que foi educado nas condições em que eu fui?

O meu amigo admira-se? Assombro-o talvez? É preciso afinal esclarecel-o ácerca do meu passado e da minha mallograda existencia conjugal. O que não posso, meu amigo, é auctoral-o a occupar-se do meu futuro; peço-lhe até que não me toque mais em semelhante assumpto. Eu é que lhe fallarei do passado para que comprehenda porque lhe faço um tal pedido. Se a minha infeliz esposa ainda vivesse, não revelaria nunca este segredo. Mesmo a um pae que se confiem desgostos conjugaes, aggravam-se sempre. É dar-lhes mais authenticidade aos proprios olhos, revelal-os seja a quem fôr. O meu caro mestre tem sido de certo o meu melhor amigo, depois de meu pae. Ainda assim nada lhe tenho dito, e meu pae esse morreu ignorando tudo e julgando-me feliz. Se lhe tivesse confessado a verdade, nunca me absolveria de lhe ter amargurado o ultimo quartel da existencia.

de concepção e de grandeza com que os filhos de Loyola talhavam os moldes da educação das gerações futuras. Não é um edificio simplesmente grande, aquelle que alli se nos depara; é uma Universidade vastissima, com corredores de uma elevação de abobadas e de uma largueza que espantam, por onde podem passear á vontade centenas de escolares, sem se atropellarem, com alas compridissimas de galerias em que se rasgam aposentos sem fim, com um salão para actos de formatura, que recorda o da Universidade de Coimbra, salão cingido de uma galeria e tendo pendentos da parede grandes telas de monarchas e de cardeaes, uns imprensados em rijas armaduras, outros pompeando as suas purpuras vermelhas, afogueadas, da côr da capa e do gibão de Mephistopheles, como Henrique Heine diz que se apresenta nos theatros da Alemanha este sarcastico personagem do «Fausto».

A igreja, que é vasta, apresenta-nos um admiravel frontal de altar-mór, frontal composto de mosaicos finissimos, de um desenho gracioso em que a finura e a phantasia dos arabescos e o primor dos ornatos são dignos dos preciosos marmores sobre que estão bordados e de que destacam em relevos eminentemente artisticos. Ha uma capella chamada de Nossa Senhora da Boa Morte, cujo altar na parte inferior similha um sarcophago de marmore preto, incrustado aos cantos de cabeças de anjos lavrados em marmore alvissimo, de um bello effeito pelo contraste, erguendo-se e desdobrando-se nos planos inferiores até o ponto culminante do arco da capella uma turba dramatica de figuras e de personagens esculpidas todas em marmore de uma côr fôska, amarellecida como a do marfim antigo, e voejando por toda a parte myriadas de cabeças de anjos alados no estylo d'aquelles de que semeou alguns dos seus quadros mysticos o divino Raphael.

A luz refracta pelas laminas lusidias dos marmores, cujos matizes são variadissimos de tons, produz uma sensação estranha, principalmente quando essas faiscas de luz são despedidas das grossas espiraes das duas magnificas columnas torsas, que se erguem ao fundo da capella mór, a uma grande altura, e nas quaes se espelham com um formigueiro de scintillações rapidas como relampagos as colorações dos mosaicos. O tecto é todo coberto de uma immensa pintura em madeira, pintura recamada de figuras, de episodios, de allusões, que lhe dão a vivacidade e o interesse palpantes de uma situação dramatica. As figuras respiram, vivem uma vida propria, intensa. As decorações, os ornatos, mostram a imaginativa exuberante do artista, um pintor italiano de fama, segundo lá nos asseveraram.

Já vê o leitor que não escasseiam em Santarem os filtros de embriaguez artistica.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

Sabe a maneira como elle me educou, confiando ao meu excelente mestre o encargo de me instruir. Mas o que nenhum dos dois adivinhou foi o homem que fizeram de mim, no fundo d'este paiz selvagem, n'esta habitação sombria onde tanto soffri, mas que já não largo. Só lhe direi quanto se refira ás suas perguntas; já que uma confissão circunstanciada seria tão longa quanto incomprehensivel.

Não siga um caminho errado, meu amigo. O que me faz repellir o casamento, não é o receio de não gosar outra ventura equal. É, pelo contrario, o medo de outra semelhante.

E esta felicidade negativa e amarga voltaria sob o mesmo aspecto, já que toda a culpa é só minha, que me illudiria d'esta vez como me illudi da outra. Todos podem modificar o character; mudal-o completamente é que ninguém pode.

Trad. livre de

(Continua)

PAULA RAMANZI.

ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro de D. Maria II

O Luxo, drama em 5 actos, original de Antonio Ennes.

Chegamos muito tarde para fallar d'este drama ácerca do qual já ahí anda empenhada uma guerra furiosa de adjectivos.

A critica, a alta e a baixa, a verdadeira e a fingida, já assentou os seus canhões raiados, chegou-lhes o murrão e... *pum! pum!* a explosão foi de tal ordem que, segundo a opinião de um dos artilheiros, a rua do Ouro e a rua Augusta tremeram até á medulla das pedras que lageam os passeios e até ao amago das opiniões que fervilham na livraria Carmo, fazendo d'ella uma especie de hotel Rambouillet... de balcão.

Circumstancias imprevistas e dolorosas para a pessoa que escreve estas linhas, trouxeram-n'a arredada de theatros e impossibilitada por conseguinte de fazer em tempo opportuno a critica do *Luxo*, o que lhe pouparia o desprazer de repetir agora banalmente o que outros já disseram.

Porque, seja qual fôr a nossa opinião em face d'esse drama que tem sido um acontecimento, nós não encontraremos uma bala, queremos dizer um tropo, que não fosse disparado com toda a solemnidade inherente a uma salva destinada a saudar a passagem ovante de um principe.

Em torno do *Luxo*, brilhantemente representado pela companhia do theatro de D. Maria, a rhetorica nacional tem accumulado as mais ardentes expressões de louvor a par das mais asperas e audazes expressões de desagrado.

É por isso que seja qual fôr o nosso modo de ver e de expôr, nós iremos resvalar fatalmente n'um juizo critico já anteriormente formado, que, á falta de outro merito, terá pelo menos o da prioridade.

Será o *Luxo* um drama maravilhoso, de uma textura genial, como dizem uns?

Será o *Luxo* um drama falso, de um mecanismo gasto e anachronico, em relação á epocha em que vivemos, como dizem outros?

Sinceramente, supponho que não é nada d'isso.

Em geral, a critica portugueza obedece a uma orientação perfeitamente convencional e pueril.

Ella não analysa nunca a obra do artista na sua expressão concreta, na complexidade dos attributos de que ella é o nucleo, na luz refracta de que é o foco, nas vibrações mysteriosas de que é o teclado fremente e harmonico, separando-a para todos os effeitos, e isolando-a de todas as fórmas, da individualidade do homem e da influencia do meio.

Se a critica indigena fosse exactamente o contrario do que é, se ella tivesse a elevada comprehensão esthetica de Taine, Zeller, Spencer e outros, o drama do sr. Antonio Ennes, embora incompleto e discutivel como obra prima, não deixaria todavia de ser victoriado por todos nós como uma das mais bellas concepções que honram o theatro portuguez.

A critica, porém, não analysa o *Luxo* de uma fórma positiva e logica, pelo que elle é: não! ella submete-o a uma analyse abstracta e vagueia em conjecturas ácerca do que elle *poderia ser!*

Sainte Beuve, uma auctoridade critica, escreveu algures:

«Não discutamos o assumpto, occupemo-nos unicamente de apreciar a fórma em que elle encarnou.»

A critica nacional preoccupa-se tambem enormemente com o facto de ser o sr. Antonio Ennes o autor do *Luxo*. Se o sr. Antonio Ennes não fosse o dramaturgo shakespeareano do *Saltimbanco*, dos *Enfeitados*, dos *Lazaristas*, com a circumstancia aggravante de ser o mesmo sr. Ennes deputado, jornalista e cabo de guerra do partido progressista, então, sim, então poderia o grande escriptor perpetrar dramas absurdos, tragedias anachronicas, comedias insipientes, na certeza de que aguardariam encantado e reverentes as suas produções os imberbes da critica, para applicar-lhes, em curvos salamaleks, os clichés do elogio mutuo.

Desde o momento, porém, em que o sr. Antonio Ennes não limita as suas ambições a ser um escriptor meão, padrinho do esperançoso poeta G. ou afilhado do illustre prozador H., que remedio senão pendurar á janella as figuras de rhetorica e os adjectivos de massa caustica que os *touristes* da immortalidade, com passagem paga pelas bancas dos amanuenses, reservam para estes casos excepcionaes, que lhes aureolam a fronte juvenil de gloria e de caspa.

É claro que não estamos defendendo o trabalho primoroso do eminente dramaturgo.

Elle não precisa de paladinos.

O seu talento brilhantissimo é a melhor de todas as defezas e a mais severa de todas as condemnações para aquelles que pretendem deprimil-o, não tendo para isso nem a auctoridade dos annos nem o exemplo das obras.

Conforme já deixamos dito, é tarde para apreciar o drama.

Examinal-o-hemos apenas de relance.

O 1.º acto é um quadro familiar onde vem reflectir com assombroso naturalismo a sociedade e todos os artificios profundamente ridiculos em que se envolve a alta roda, aquella em que o vicio desce ás vezes mais baixo entibiando a consciencia e atrophiando a dignidade. A voragem que absorve o credito de Alvaro Forjaz pronuncia-se já n'esse acto, e prolonga-se até ao ultimo, insistindo-se demasiado, consoante o nosso modo de ver, no mesmo thema, em torno do qual giram constantemente todos os personagens e particularmente Forjaz, descaindo por vezes a acção e correlativamente o dialogo n'uma tal ou qual monotonia.

A antithese, admiravelmente combinada, do 2.º acto, em que em contraposição com Forjaz pendido no carel do abysmo e hesitando entre duas vergonhas, a de depositario infiel ou de passador de moeda falsa, resalta a esposa envaidecida, correndo levanamente atraz da miragem enganadora dos bailes e afogando o collo em brilhantes regados pelas lagrimas do marido, é profundamente humana e impõe-se-nos com um relevo poderoso e eminentemente dramatico.

O 4.º acto, que tem um bello desfecho commovente, afasta-se sensivelmente das condições da vida real. Os escandalos das salas em que os maridos fazem scenas, estão totalmente banidos não só das mesmas salas tolerantes, como dos dramas que as reflectem. As indignações honradas do autor provam a favor do seu character, mas demonstram uma inexperiencia absoluta da sociedade moderna.

O 5.º acto, não obstante representar-nos o degredo de Alvaro Forjaz, tem as tintas suaves e idyllicas dos quadros patriarchaes. O espectador não pôde, por mais que diligencei, identificar-se com a situação creada pelo autor. O degredado surge deante dos nossos olhos aureolado gloriosamente pelo amor conjugal e filial; procuramos um reprobó e apparece-nos um escolhido. É este talvez o defeito capital da textura, por isso que produzindo-se no ultimo acto transmite-se mais intensamente ao espirito do auditorio. Mas quantas opulencias o resgatam e que inexgotaveis thesouros de estylo trespordam copiosamente nos dialogos e nos monologos, pondo no ouvido arrebatado a musica ideal da palavra, de que raros escriptores possuem o segredo!

No desempenho cabe a primeira menção a Rosa Damasceno, que fez um *travesti* delicioso de *enfantillage*.

Brazão deu um vigor estranho e profundamente accentuado ás successivas phases do seu personagem. Maria Adelaide deixou perfeitamente caracterizado o esboceto magistral da baroneza da Amora.

Augusto Rosa teve olhares e inflexões demoniacas dignas de um cavalheiro da *chantage*, da estofa do sr. Jones. Pinto de Campos foi conscienciosissimo, como sempre, dizendo e gesticulando com inexcusivel naturalidade. Emilia dos Anjos interpretou admiravelmente o personagem da mulher leviana, fascinada pelas attracções cavilosas do luxo, e mais tarde regenerada pela lição amarga do infortunio. O papel de Christina é de certo uma das mais brilhantes creações da insigne actriz.

Virginia fez uma ingenua adoravel, a que a sua doce voz melodiosa deu um encanto fóra do commum.

Joaquim de Almeida, Julio Vieira e alguns outros de que não nos occorre n'este momento os nomes, excellentemente.

A *mise-en-scène* é primorosa, distinguindo-se a sala do baile do 4.º acto, que tem as florescencias de uma estufa tropical, multiplicando-se nos espelhos e banhando-se em jorros de luz que se despenham dos candelabros. Um deslumbramento!

Theatro do Principe Real

ESTREIA DE UMA ACTRIZ — Apropósito em um acto, original de Sousa Bastos.

A *Estreia de uma actriz* é, como se deprehende do titulo, um acto escripto expressamente para fazer brilhar uma actriz. E, diga-se já sem mais delongas, que se a peça foi feita para elevar a artista que a desempenhou, ella pela sua parte correspondeu gentilmente imprimindo-lhe toda a vivacidade scintillante do seu talento graciosissimo.

O auctor aproveitou habilmente quantos elementos se depararam á sua inesgotavel fantasia para fazer valer, sob diversos aspectos, uma personagem: a actriz atirou-lhe a plenas mãos a mocidade, o *tic* elegante, a *verve* maliciosa e a voz pequenina mas insinuante, afinada e fresca como um botão de rosa orvalhado.

E' n'este delicioso vaudeville, no genero das *Tres estrellas*, desempenhado em tempo pela actriz Anna Pereira, que Pepa vae apresentar-se aos brasileiros.

Imagine-se os triumphos que a esperam pelos bravos e chamadas que a acolheram no theatro do Principe Real, onde a *Estreia de uma actriz* se representou pela primeira vez na quinta feira passada.

Pepa desempenha n'esta comedia cinco ou seis papeis de generos completamente diversos: um cocheiro inglez, uma hespanhola, uma dançarina, uma mulher de capote e lenço, revelando em todos os raros predicados que a distinguem e a desenvoltura picante e vivaz que lhe dá um logar de honra, ganho de assalto, de um dia para o outro, entre as nossas mais festejadas actrizes de opera-comica.

Pepa brilhou particularmente nos couplets da walsa, no fado nacional e nas *malagueñas*, que ella cantou como uma verdadeira hespanhola, dando-lhe os requiebrs languidos e a melancolia sonhadora e ardente peculiar a essa encantadora musica inimitavel, que tem a par da nota voluptuosa das serenatas o estalar ruidoso e alegre das castanholas.

Não tarda que as platéas da *Phenix* vão consagrar com os seus applausos este gentil talento que nós lhe emprestamos, pedindo-lhe a graça de não o monopolisarem, como fizeram á actriz Herminia e a Lucinda Simões.

A *Estreia de uma actriz* obteve um exito excellente, sendo repetidas vezes chamados e victoriados Sousa Bastos e Pepa.

PERFIS LYRICOS

FREDERICO CHOPIN

Quando ha dias aspiravamos á honra de occupar a attenção pública descrevendo um traço da vida do chorado pianista americano L. M. Gottschalk, sorria-nos a idéa de mais para diante fallar de outro pianista não menos celebre, e que tinha com aquelle mais de um ponto de contacto.

Esse de quem hoje nos vamos occupar chamava-se Frederico Francisco Chopin, a quem denominavam em Paris *le poete du cœur*, graças ao sentimentalismo que revelava, já nas suas composições musicas, já na *maneira* de executar-as, e já finalmente no traço de melancolia que o caracterisava, desde a expressão da sua physionomia até o modo de apresentar-se em sociedade; traço esse que sómente se lhe apagava do physico e do moral, quando, se dermos credito aos seus biographos, ao entregar-se ao ensino da musica e do piano divisava nas mais intelligentes de suas innumeradas discipulas um vislumbre de promettedor talento artistico.

N'essas occasiões brilhava-lhe no rosto um rapido lampejo de satisfação.

Tal era o segredo e a excellencia d'aquelle espirito fadado ás conquistas do bello e embevecido nos suaves effluvios do sentimento esthetico!

Nascido em 1810, em uma cidade perto de Varsovia, Frederico Chopin era de compleição tão rachitica e tão fragil, que, além de se lhe predizer proximo anniquilamento, duvidou-se que dentro d'aquelle envólucro podesse existir uma alma dotada de intelligencia superior, capaz dos altos commettimentos de que deu provas em sua ephemera vida.

Entretanto, a criança vingou e o artista manifestou-se bem depressa, pois que aos 9 annos, quando começou a estudar musica, seu professor, um velho bohemio chamado Zywny, apaixonadissimo das composições de Bach, prophetizou-lhe brilhante futuro, que de facto assignalou a existencia de tão admiravel organização artistica.

A sua *maneira* de executar, a graça, a delicadeza e a elegancia com que reproduzia no piano os mysteriosos poematos do seu coração, a que deu o nome de *caprichos*, *fantasias* e *improvisos*, sem fallar das *valsas*, das *mazurkas*, das *polacas*, *tarantellas*, *concertos* etc., ás quaes o querido *virtuose* imprimiu um caracter de individualidade difficil, senão impossivel de imitar, angariaram-lhe as sympathias de um principe seu compatriota, ao ponto de quasi adoptal-o por filho e encarregar-se da sua educação moral e intellectual.

D'essa efficaz protecção adveiu-lhe o esmerado cultivo de suas faculdades, o alargamento da esphera em que devia e precisava adejar a sua alma de artista, e tambem o proporcionamento de um meio distincto e salutar, onde o laureado pianista pôde adquirir a finura do trato, a elevação de sentimentos, a aristocracia de maneiras; em fim, o segredo do *savoir vivre*, de que tão brilhantes provas exhibira o nosso chorado amigo e mestre L. M. Gottschalk.

E não foi sómente n'essa parte da educação moral de F. Chopin que influenciou beneficemente o generoso acolhimento do seu protector: a expansão do seu talento musical, fecundado pelo sentimento patriotico, graças ao *mundo á parte* que esse mesmo meio para elle constituiria, resentiu-se da atmosphaera em que fatalmente desabrochou e transformou-se em verdadeiro echo das agri-doces recordações do seu paiz.

E as explosões do genio, dando corpo aos desabafos do seu magoado coração, symbolisavam para os miseros exilados como que a continuação da existencia interrompida, a voz plangente da patria, que mesmo de longe os acariciava; e quiçá a reproducção dos cantos solemnes e indizivelmente poeticos que, uma vez ouvidos ao abrir-se os olhos para o mundo no berço natal, jámais se apagam da nossa memoria.

Frederico Chopin nascera em Varsovia: passara por Paris em direcção a Londres, onde pretendia fixar a sua residencia.

Viera, porém, a Paris justamente na epocha em que as grandes desgraças da Polonia despertavam em toda a França o mais vivo interesse pela sorte da nação martyr.

Encontrando em paiz estrangeiro esse echo doloroso que se harmonisava com o grito do seu coração consternado pela patria agonisante, o celebre *virtuose* julgou encontrar fraterno agasalho entre os parisienses, demorando-se ahi e abandonando completamente a idéa de seguir para Inglaterra.

Por outro lado, essa mesma coincidência no soffrimento concorreu grandemente para a acceitação que tiveram na capital do mundo civilisado as suas produções musicas, verdadeiros lamentos de um paiz opprimido e victimado, desprendidos de um coração nimiamente patriotico.

Em 1829 fizera Chopin a sua estreia na cidade de Vienna, em um concerto dado por Mlle. Velheim, artista então muito apreciada.

Comquanto se affirme que o acolhimento feito ao eminente pianista e compositor ficasse muito áquem da sua expectativa, asserção que é reforçada pelo famigerado *virtuose* Frantz Liszt em uma noticia biographica sobre Chopin, não obstante a *Gazette générale de musique de Leipsick*, diz o sr. Felix Clément (em cujo livro colhemos estes apontamentos), fez merecidos e justos encomios ao talento do joven pianista.

Foi em 1831 que Chopin se dirigiu a Paris.

A primeira vez que o *virtuose* polaco executou as suas composições perante o publico parisiense, no salão Pleyel, alcançou dos artistas, que compunham a maioria do auditorio, opinião lisongeira qua-

to á sua *maneira* de tocar, e a honra de ser collocado sem restricções em logar distincto como compositor.

Houve assim mesmo quem, contrario ao romantismo em que se filiara Chopin, ousasse appellidá-lo: *talento de camara de enfermo*.

O auctor d'essa apostrophe de mau gosto chamava-se *Field*, de quem mais tarde fallaremos: fez-lhe companhia na maledicencia outro musico notavel, chamado Kalkbienner.

Melhor juiz do que ninguem é, no emtanto, o individuo de si proprio. Frederico Chopin, que, conforme já assignalamos, possuia, além de altos predicamentos como *virtuose*, notaveis qualidades como homem de talento e de espirito atiladissimo, comprehendeu sem grande difficuldade que a sua individualidade artistica, accentuada mais pela delicadesa e finura da inspiração do que pelos arrojados commettimentos, amoldava-se antes aos pequenos circulos onde podia facilmente expandir-se, de preferencia aos vastos amphitheatros, que lhe exigiam esforço e consequentemente dispendio de energia moral, de envolta com o esgotamento de forças tão necessarias á sua fragil compleição physica.

Penetrando essa circumstancia com a sua extraordinaria perspicacia, abandonou os *grandes effeitos* unicamente attingiveis nos *concertos*, e dedicou-se exclusivamente aos salões.

A primeira tentativa, porém, n'esse outro campo, apesar de coroada de estrondosos applausos e aclamações, não correspondeu completamente aos desejos do *caprichoso* artista, e fizeram-n'o de novo abandoná-los, para de todo entregar-se aos applausos dos circulos aristocraticos de Pariz.

Ahi, como já dissemos, deparava elle como o seu mundo sonhado, com o seu publico predilecto, com o auditorio capaz de comprehender-lhe as filagranas tenuissimas de sua inspiração ultraromantica.

Era n'esse gremio, que a alma e o talento do *virtuose* polaco podia francamente expandir-se, fazendo surgir, por entre melodias eccentricas e ungadas de poetica saudade, a imagem querida da patria, que parecia reviver nas plangentes notas das balladas, nos echos das dansas nacionaes, no gemer dos nocturnos e no rythmo cadenciado das *polonaises*, que sahiam do seio melodioso do piano sob a pressão dos dedos do inspirado pianista.

Pouco durou, entretanto, essa existencia embalada pelos suaves estremecimentos d'essas almas gemeas no modo de sentir, e alentada por essa atmosphaera de perfume e de incenso em que a conservava a admiração das mulheres exaltadas e romanescas.

Em 1837 Chopin adoeceera gravemente e o seu estado reclamava um auxilio, a que elle de bom grado se submetteu.

Acompanhou-o n'esse desterro Mme. George Sand, que lhe dedicava affectuosa amizade.

Conta essa senhora no seu livro *Histoire de ma vie*, que o nosso *virtuose*, sob a influencia da enfermidade e longe do viver convencional dos salões aristocraticos, revelou-se em toda a nudez de sua organização nimamente nervosa, despotico, impertinente, insupportavel emfim... Elle, que era a delicadeza personificada!

Felismen-te, o sr. Felix Clément, ao reproduzir essa informação da illustre escriptora franceza, acrescenta maliciosamente uma pergunta, que ainda não teve resposta, ao menos que nos conste.

Questiona elle: «mas o que Mme. Sand nos relata a respeito de Chopin, não nos disse tambem a respeito de Alfredo de Musset no seu famoso romance — «*Elle et lui?*»

E continua por sua conta e risco:

«Qual é, pois, essa necessidade de encarecer, á custa do enfermo, o papel que ella voluntariamente assumira junto d'elle? Em todo o caso, se os factos são merecedores de credito, não o é muito o testemunho. E' muito mais simples concluir que Mme. Sand não possuia exactamente as qualidades indispensaveis a uma irmã de caridade.»

Esta malicia, lançamol-a á conta de quem a expendeu.

Voltemos, porém, ao nosso doente.

Frederico Chopin estava tísico.

Regressou do seu exilio a Maiorca quasi restabelecido.

Calculando mal as suas forças, e pouco sollicito com o estado precario da sua saude, empreendeu uma viagem á Inglaterra e á Escocia.

Viagem fatal!

As ovações que recebeu na sua excursão artistica fizeram-n'o

esquecer-se completamente dos cuidados que reclamava a sua saude; e quando tornou a França foi para despedir-se da vida em 17 de outubro de 1849.

Não é nossa intenção traçar a biographia do eminente *virtuose*, irmão gêmeo de Gottschalk pelo espirito e pela indole artistica; mas quanto deixamos escripto era necessario para chegarmos ao ponto culminante do nosso *desideratum*, isto, é, dar breve noticia de quem foi Frederico Chopin e assignalar ainda uma vez o modo porque esse homem de genio, depois de coroado por mil flores durante a sua vida, mereceu do espirito nimamente delicado e romanesco de suas discipulas e entusiasticas admiradoras uma derradeira prova de affectuosa sympathia, como só a sabem dar as senhoras distinctas, e cujo delicado gosto se revela ainda nos mais atribulados transes da vida.

Quando Chopin se achava no leito da dor e prestes a deixar o mundo, que elle povoara de tão doces melodias e no qual vivera, entretanto, mergulhado em constante melancolia, conta o sr. Fétis, que sua irmã voara para junto de sua cabeceira.

O que é certo, porém, e o que desejamos assignalar, é que foram as suas amigas e admiradoras de Pariz que o amortalharam, vestindo-o com roupas de gala e depondo o seu corpo inanimado em um feretro cheio de rosas.

Quando o sahimento passava pelas ruas de Pariz em direcção ao *Père La Chaise*, maior era o numero de senhoras que o compunham e de quasi todas janellas arremessavam flores sobre o athaude d'aquelle que em vida merecera o titulo de *poeta do coração*, deixando para perpetuar sua memoria, não só o profundo sentimento de um povo altamente civilisado, mas tambem e principalmente paginas e paginas replectas de uma musica immorredoura, copia fiel de sua estranha individualidade.

E no emtanto, ha muita gente que nem conhece Chopin, ou que conhecendo-o não sabe comprehendel-o nem percebe os adejos do seu immortal espirito atravez das encantadoras melodias em que elle se photographou, quando vivo!...

A. CARDOSO DE MENEZES.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

ULTIMOS SONS DA LYRA

Perpetuas

A...

Nem lagrimas já tenho! — se as tivesse
Embeberia n'ellas muita dor,
Para as depor depois, como uma prece,
No sepulchro fatal do meu amor!

Um sello de martyrio e sacrificio
Cerra a historia d'aquelle sepultura!
Nas vagas de deileite que ergue o vicio
Afoguei os gemidos da amargura!

Nem assim me odiaste, ó minha santa!
Nem assim me imputaste um torpe crime!

Procurei na mulher que se levanta
O mysterio da causa que a redime,
E achei ainda o amor, o amor em tudo,
Amor, que eu não firmei em base estavel,
Porque já tinha em prelos de velludo
Estampado um poema inolvidavel...

Inolvidavel, sim, que muito embora
O teu desprezo cerre magoa tanta,
Eu hei de sempre amar-te como outr'ora,
Eu hei de sempre bemdizer-te, santa!

Madeira.

LUIZ GONSALVES DE FREITAS.

CAMÕES E A ACADEMIA

Acha-se em Coimbra, onde foi assistir ás festas do tricentenario de Camões, o proprietario d'esta folha o sr. Henrique Zeferino de Albuquerque. Acompanham-o s. ex.^{ma} esposa e irmã. Na ausencia da redactora das *Ribaltas*, que, em consequencia do incommodo de saude de sua mãe, n'õ pode, como tencionava, ir a Coimbra e ter o jubilo de tomar parte no sarau da Academia, representará para todos os effeitos o sr. Henrique Zeferino de Albuquerque, n'essa festa brilhantissima, o nosso semanario, reiterando nós por esta occasião os agradecimento que devemos aos illustrados academicos pela insistencia amavel com que S.^{as} Ex.^{as} se tem dignado instar pela nossa presenca em Coimbra.

RUMORES DOS PALCOS

João Rosa faz beneficio brevemente com o drama *Mocidade de Mirabeau*, traducção do sr. Ferreira de Mesquita, e com o *lever de rideau*, original do sr. Moura Cabral, *Nuens cor de rosa*.

*
* *

Ensaia-se, tambem no theatro de D. Maria, o drama *Os dois sargentos* e a comedia em um acto, imitada do italiano, *A chrysalida*. Este spectaculo destina-se á festa artistica do actor Augusto Antunes.

*
* *

Consta que falleceu em Sevilha o barytono hespanhol Lacarra, que durante uns poucos de annos cantou no theatro dos Recreios.

*
* *

A opera comica de Lecocq *Pompon*, que foi cantada em Lisboa pela companhia franceza do Principe Real e mais tarde pela da actriz Frigerio, agradou no Porto onde subiu á scena em beneficio da actriz Manzoni.

*
* *

Obteve um bello exito em Paris o poema symphonico de Mademoiselle Augusta Holmes, discipula entusiastica de Wagner. O poema intitula-se *Os argonautas*.

*
* *

Alcançou um grande successo na *Comedie Française* a nova comedia de Pailleron, o auctor da deliciosa comedia *A scentelha*, representada a epocha passada no Gymnasio. A nova producção de Pailleron intitula-se: *Le monde ou l'on s'ennui*.

*
* *

Regressou a Lisboa, depois de uma longa permanencia no Brazil, o actor Silva Pereira.

*
* *

Pinto Bastos, aquelle excellente empresario que ninguem ainda esqueceu, não obstante elle andar ha muito afastado do theatro, vai figurar á frente de uma nova empresa que se propõe explorar durante os mezes do estio o *Coliseo*. O recinto, com um bello jardim para as noutes de calor, e o nome do empresario, são seguras garantias das prosperidades que esperam esta nova diversão.

*
* *

A empresa de S. Carlos acaba de escripturar o barytono Kacheman.

*
* *

Corsi obteve um successo na *Lucia*, no Theatro Principal de Barcelona.

*
* *

A sr.^a D. Cinira Pollonio, brazileira, compoz a musica de uma operetta que tem por titulo *Typos Fluminenses*. O poema é extrahido dos folhetins de França Junior.

*
* *

Chegou ao Rio de Janeiro a companhia equestre Guillaume, a qual ia inaugurar os seus spectaculos na *Polytheama Fluminense*.

*
* *

Paulina Luigini, essa deliciosa cantora de operetas, que admiramos nos Recreios, acha-se actualmente em Asnières. O marido da graciosa *chanteuse*, o sr. Taillefer, pensa em trazer a Lisboa, no proximo inverno, uma *troupe* completa de opera comica e opereta. Parece que o sr. Taillefer vai dirigir-se para esse effeito á empresa do Principe Real. O publico de Lisboa acolherá de certo com alvoroço a reaparição de uma artista notavel como Paulina Luigini, a Clarinha predilecta de Lecocq.

*
* *

Obteve um excellente exito a *reprise* da zarzuela *O sargento Frederico*, representada na Trindade em beneficio do actor Augusto. Anna Pereira, achando-se encommodada da larynge, cantou a meia voz. O beneficiado foi muito festejado, recebendo bastantes brindes, entre outros um busto, em tamanho natural, executado pelo distincto artista o sr. Taveira. No proximo numero occupar-nos-hemos da *reprise* do *Sargento Frederico*.

CENTENARIO DE CALDERON

A *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes* resolveu offerecer uma coroa de prata em homenagem a Calderon, a qual é comprada por subscrição entre os membros da mesma Associação.

O *Atheneu Musical* tenciona celebrar o centenario de Calderon dando um grande sarau litterario-musical no salão da Trindade em a noute de 25 do corrente.

INDICAÇÕES UTEIS

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a *Pastelaria franceza* do sr. J. A. Vieira, estabelecida na rua do Poço dos Negros, 128-132.

Essa pastelaria encarrega-se de fornecer jantares economicos que se recommendam, não só pelo bem cozinhado e variedade dos pratos como pelo aceio irreprehensivel. Não é um reclame banal que estamos fazendo, é simplesmente um facto real que expomos, não duvidando garantil-o por isso que por varias vezes temos comido os deliciosos jantares da *Pastelaria franceza*.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero 20 réis
Lisboa Assignatura de 25 numeros 500 »
Rio de Janeiro—Assignatura de 25 numeros 25000 réis
Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre — 95, Rua dos Ourives, 95.
Assigna-se na Livraria Zeferino — 87, Rua dos Fanqueiros, 87.

EDIÇÕES DE ERNESTO CHARDRON

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A CORJA

ROMANCE REALISTA
CONTINUAÇÃO DO EUSEBIO MACARIO

Um volume 800 réis

EUSEBIO MACARIO

ROMANCE REALISTA

UM VOLUME 800 RÉIS

CANCIONEIRO ALEGRE

DE
POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

Um volume 1\$200 réis

A ENTRAR NO PRELO:

A BRAZILEIRA DE PRAZINS

ROMANCE NATURALISTA

Um volume

AS PRENDAS DOS NOSSOS PRIMOS

(ESTUDOS HUMORISTICOS EM FAMILIA Á CERCA DA MESMA)
UM VOLUME

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA DE TINTURARIA A VAPOR

14, LARGO DA ANNUNCIADA, 16

420, Rua de S. Bento

LISBOA

PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de melhor em Paris, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE. Regalos e Luvas aromatisadas.

LISBOA — Rua Aurea, 120 a 124.

PORTO — Praça de Carlos Alberto, 11, 12, 13 e 14.

LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer da Italia.

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

103 RUA AUREA

OURIVESARIA

PEDRO MOREIRA

Especialidade em objectos de ouro e de prata proprios para BRINDES

103—RUA AUREA

ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

Á venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas
PREÇO 240 RÉIS

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 20.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

HISTORIA DE UM GATO PRETO

13.º SONETO

Falla um primo trocista

Acho graça ao gatinho, minha prima,
Embora elle a pozesse em bons apuros;
Viu que os oiros estavam já maduros
E fez-lhe com as unhas a vendima.

Se o bichano perdeu a sua estima
E lhe merece, apenas, esconjuros,
Ganhou os meus affectos mais seguros,
Fez jus á minha prosa e á minha rima.

Foi uma «distracção» que em horas de «ocio»
Teve o bom gato, por saber, talvez,
Que os ourives tem falta de negocio;

Ou, então, tem desculpa do que fez
Por ser amigo... e pôde ser que socio
Do Moreiro da Aurea, 103.